

PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE GOIÁS (1999-2016)

Alison Geovani Schwingel Franck – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) -
alischfranck@hotmail.com

Laís Viera Trevisan – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) –
laisvtrevisan@gmail.com

Rodrigo Abbade da Silva – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) -
abbaders@gmail.com

Daniel Arruda Coronel – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) -
daniel.coronel@uol.com.br

Área temática: Economia e política internacional

Resumo: Este trabalho buscou analisar o padrão de especialização do comércio internacional do estado de Goiás, identificando os setores produtivos mais dinâmicos, no período entre 1999 e 2016. Neste sentido, calcularam-se os indicadores de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS), de Comércio Intraindústria (CII) e o Índice de Concentração Setorial (ICS). Os resultados indicaram que o estado apresentou uma pauta de exportação pouco diversificada, baseado prioritariamente em produtos intensivos em recursos naturais e produtos da indústria de transformação tradicional, os quais são pouco capazes de gerar vantagens comparativas dinâmicas, ou seja, baseados em inovações tecnológicas, como são encontradas nos padrões internacionais de comércio dos países desenvolvidos. Deste modo, no estado existem quatro grupos considerados competitivos no mercado internacional de acordo com a metodologia adotada: alimentos, fumo e bebidas, minerais não metais e metais preciosos, calçados e couro e o setor de madeira. Neste sentido, os resultados sugerem que as políticas voltadas ao setor exportador devem realizar uma apreciação clínica na relação de Goiás com seus tradicionais parceiros comerciais, além de buscar novos parceiros comerciais e ampliar o *mix* das exportações, mantendo as conquistas obtidas.

Palavras-chave: Exportações; Goiás; Vantagem comparativa.

1 INTRODUÇÃO

A abertura comercial e a estabilização macroeconômica, consolidadas na década de 1990, mudaram os rumos da economia brasileira. A abertura do mercado brasileiro permitiu o florescimento da concorrência, criando um ambiente competitivo no qual as empresas brasileiras buscaram melhorar sua eficiência para inserir-se no mercado internacional. Logo, a falta de competitividade de alguns setores nacionais foi observada após a abertura comercial, o que fez com que a indústria passasse por um choque de competitividade devido ao aumento da exposição aos competidores externos.

Neste contexto, com a abertura comercial, e sua quebra nas políticas estruturalistas predominantes no Brasil até meados da década de 90, e ainda, no mesmo período, com o fim das barreiras não-tarifárias e a diminuição das tarifas, fizeram com que o Brasil adotasse

políticas liberais de comércio, expondo o país à uma maior competição internacional. Na teoria, uma maior competição força uma indústria nacional a aprimorar seus produtos e seus métodos de produção. Esses fatores contribuem para um aumento de produtividade num país (ROSSI JÚNIOR; FERREIRA, 1999).

Nesse contexto, o estado de Goiás - GO, que, em 1999, respondia por aproximadamente 0,7% da pauta exportações Brasil, chegou a 3,1% em 2016 (ALICEWEB, 2017).

A competitividade do comércio internacional goiano pode ser explicada pelo comércio interindustrial e intraindustrial. O comércio interindustrial é aquele comércio baseado nas vantagens comparativas, o qual pressupõe que ganhos em trocas internacionais se baseiam na capacidade que certo país tem em produzir os bens nos quais comparativamente entre si. Nele, cada país deve se especializar no que melhor sabe produzir e trocar o excedente de suas produções com outros países que dominem a prática de produção de outros bens que são necessários à população. Desta maneira, os países envolvidos na troca ganhariam competitividade ao serem analisadas as vantagens comparativas (RICARDO, 2001).

Goiás se insere no comércio internacional com o surgimento do conceito de comércio intraindústria, quando houve o aumento das interconexões entre indústrias para sustentar o comércio internacional. Para a existência do comércio intraindústria entre duas regiões, é necessário que haja especialização, produção em escala e oportunidades de complementação produtiva. Unicamente a produção de bens diferenciados não é o bastante, pois os ganhos de eficiência, produtividade e competitividade vão ser dados pela escala de produção e não pela simples diferenciação da produção de bens decorrentes da dotação relativa de fatores (AVELINO et al., 2009).

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar o padrão de especialização das exportações de Goiás no período 1999 a 2016, cujo marco inicial representa ano em que o Brasil adota o regime de câmbio flutuante (VIANNA; BRUNO; MODENESI, 2010), e, especificamente, analisar os setores produtivos mais dinâmicos do Estado, bem como compreender a composição da pauta exportadora goiana, analisando as mudanças na inserção externa do Estado.

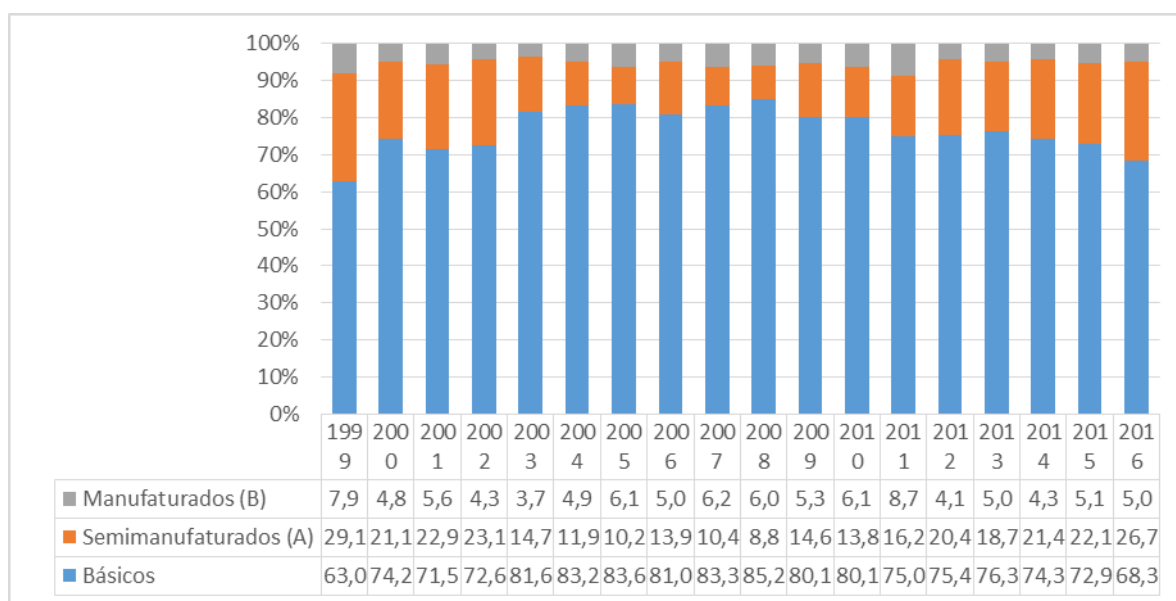
Para alcançar os objetivos, serão utilizados três indicadores de comércio internacional, a saber: indicador de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS), Comércio Intraindústria (CII) e o Índice de Concentração Setorial das Exportações (ICS).

Além desta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: a seção dois apresenta a estrutura das exportações de Goiás; na seção três, é apresentada a metodologia; na seção quatro, os resultados e discussões; e, por fim, é apresentada a conclusão.

2 A ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES DE GOIÁS

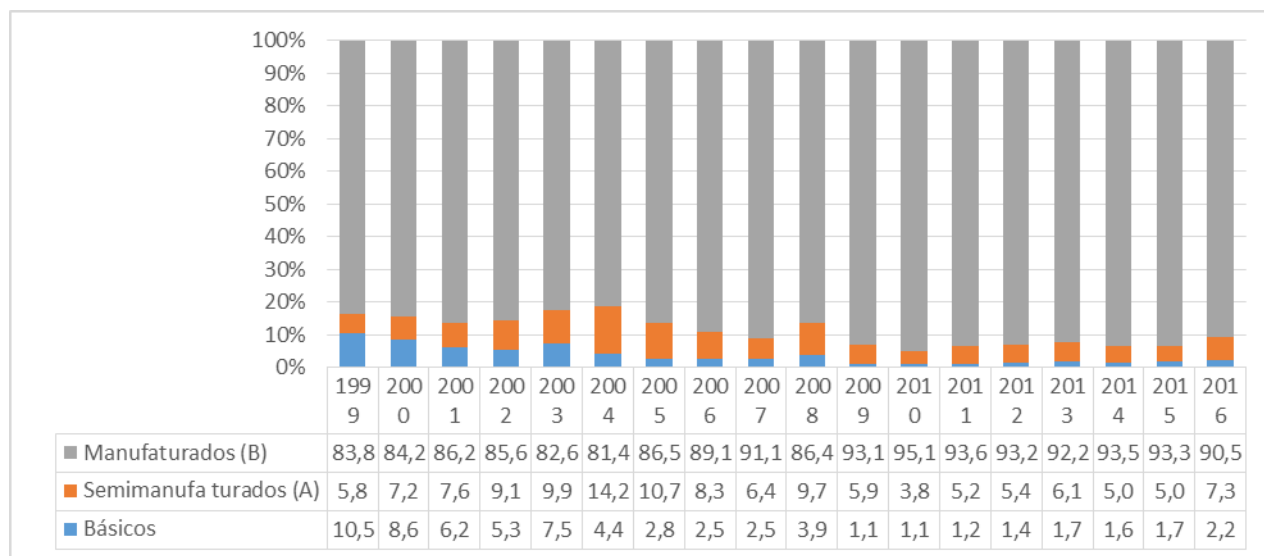
De 1999 a 2016, as exportações totais de Goiás cresceram 1703,80% contra 284,00% do Brasil, e ainda, por sua vez, as importações do estado cresceram 956,50% contra 179,00% do Brasil. Ou seja, tanto as exportações quanto as importações goianas cresceram mais que em relação ao âmbito nacional.

Gráfico 1 - Exportações (X) segundo fator agregado (em milhões US\$ FOB) – Goiás.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017)

Gráfico 2 - Importações (M) segundo fator agregado (em milhões US\$ FOB) – Goiás.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017)

Conforme o Gráfico 1, percebe-se que as exportações goianas, em 1999, concentravam-se em produtos básicos, e até 2016, essa relação é mantida. Ainda, constata-se que, ao longo do período, as exportações de produtos semimanufaturados tiveram uma retração entre 2003 e 2010, mas tais exportações voltaram a se expandir, voltando ao mesmo patamar de 1999. Já em relação aos produtos manufaturados, a porcentagem da participação nas exportações do estado pouco se alterou, permanecendo no mesmo patamar. Quando às importações, pelo Gráfico 2, observa-se que as mesmas possuem um comportamento diferente em relação às exportações: maior quantidade de importações de manufaturados desde 1999 até 2016, com mesma participação de básicos ao longo do período, e mesma participação de semimanufaturados, sendo tal participação de importações, tanto de básicos quanto de semimanufaturados, de menor vulto.

Tal configuração de exportações e importações vai de encontro ao descrito por material elaborado pelo Governo de Goiás (2015), no qual se discute que considerando o fator agregado, tem-se que mais de 75% das exportações goianas são compostas por produtos básicos no ano de 2014, e, desta maneira, o desafio do Estado é propiciar agregação de valor a estes produtos. O contrário ocorre com as importações que contêm alto valor agregado, principalmente com os produtos farmacêuticos, que individualmente responderam por 26,8% dos valores importados em 2014.

Segundo Siqueira (2009), o desenvolvimento do estado de Goiás é recente, e, ainda no início do século XX, o Estado contava com muitas limitações, desde comunicações, transportes, arrecadação, entre outras, o que obstruía o seu crescimento e desenvolvimento.

Com o projeto político de criação de uma nova capital e com sua concretização, Goiás adquiriu um novo impulso, crescimento, que mais tarde teve como consequência o seu desenvolvimento. Após a consolidação da transferência da nova capital, Goiânia, o estado ainda foi contemplado com o projeto político do Presidente Juscelino Kubitschek, através da criação e transferência da capital federal do Estado do Rio de Janeiro para a região centro oeste, Brasília. Nesse espaço de tempo, Goiás obteve sua estruturação política de desenvolvimento, e mais tarde, com a criação do Estado do Tocantins, consolidou de forma definitiva seu desenvolvimento.

Ainda, de acordo com Rocha et al. (2014), não há como dissociar o setor agropecuário do desenvolvimento do estado de Goiás, uma vez que tal setor da economia se mostrou fundamental para a dinâmica econômica do estado e ainda há projeções de que o mesmo continuará se mostrando como tal por muito tempo, dada a aptidão para a agropecuária e a crescente demanda mundial por alimentos. O autor ainda comenta que, mesmo com o atual estágio de desenvolvimento da atividade agrícola no estado, ainda há espaço para expansão de tal atividade através da incorporação de áreas de pastagens, que ocupam quase três vezes a área cultivada por grãos, sendo que esta atividade que possui níveis de produtividade ainda maior que a atividade pecuária, que não seria interrompida, mas condensada em confinamentos a serem abastecidos por grãos produzidos em áreas que outrora serviam de pastagens, favorecendo e otimizando o uso do solo goiano.

Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC, 2016), o Estado de Goiás apresenta grande potencial de exportação em vários setores produtivos industriais, tais como vestuário e acessórios, alimentos, produtos minerais não-metálicos, produtos de metal e móveis. Só nestes cinco setores há mais de 8.200 empresas em todo o Estado. Em 2015, Goiás foi o décimo primeiro Estado brasileiro com maior valor de exportações no Brasil, registrando vendas externas no valor US\$ 5.8 bilhões, o que correspondeu a 3,1% do total nacional. Na região Centro-Oeste, foi o segundo maior exportador, com 25,5% das exportações regionais.

Ainda quanto às exportações, no âmbito do valor agregado, segundo a Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás (ACIEG, 2015) a balança comercial do estado de Goiás apresenta um resultado histórico que revela a força do agronegócio, mas que também revela a concentração de *commodities* (produtos in natura), o que indica que o estado precisa investir na industrialização para faturar mais e acompanhar o ritmo internacional de industrialização, visto que as *commodities* exportadas não possuem valor de produção, ou seja, possuem pouco valor agregado. Deste modo, se faria necessário aumentar,

na pauta de exportações, a fatia dos produtos manufaturados, já que o Estado é ainda muito dependente de produtos básicos nas exportações.

Diante da relevância das exportações no papel de especialização comercial analisam-se os três principais destinos das exportações goianas entre 1999 e 2016, que, juntos, representaram 34,20% e 40,30% do total exportado pelo estado, respectivamente. Em 1999, foi os Países Baixos (Holanda) o destino de 19,60% das vendas do estado, seguidos pelos Estados Unidos, e Japão, conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Destino das exportações e sua participação no total exportado por GO - 1999 e 2016

Posição	Países de destino	Exp. em 2016 (milhões US\$ FOB)	Part. % em 2016	Posição	Países de destino	Exp. em 1999 (milhões US\$ FOB)	Part. % em 1999
1º	China	1428,2	24,1	1º	Países Baixo (Holanda)	107,0	19,6
2º	Países Baixo (Holanda)	615,6	10,4	2º	Estados Unidos	55,7	10,2
3º	Índia	346,6	5,8	3º	Japão	24,0	4,4
8º	Estados Unidos	179,3	3,0	27	China	1,1	0,2
10º	Japão	162,0	2,7	<30º	Índia	0,6	0,1
	Demais Países	3198,5	53,9		Demais Países	356,3	65,4
	Total	5930,1	100,0		Total	544,8	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017)

De 1999 a 2016, ocorreram algumas mudanças nos três principais destinos das exportações goianas, bem como a diversificação na pauta de exportação. Dos três principais destinos das exportações de Goiás em 1999, têm-se os Países Baixos (Holanda), que, ao longo do período, saíram do 1º no *ranking* em 1999, para ocupar o 2º lugar dos destinos das exportações goianas em 2016, figurando com 19,60% da participação em exportações em 1999 e 10,40% em 2016; China, que era o 27º principal destino das exportações goianas em 1999, em 2016 ocupa o 1º lugar, ou seja, é o atual principal destino de exportações do estado, com 24,10% da participação. Com trajetória semelhante à da China, a Índia, que ocupava o posto de 30º principal destino de exportações do estado em 1999, em 2016 ocupa o 3º lugar de destino de exportações, com participação de 5,8%. Estados Unidos e Japão alteraram sua participação nas exportações do estado de Goiás: os países, que em 1999 figuravam, respectivamente, como 2º e 3º principais destinos de exportações do estado, em 2016 ocupam a posição de 8º e 10º.

Segundo Vieira e Pazine (2016), Goiás é um grande produtor dos produtos básicos demandados pela China, e o que explica a redução da participação da Holanda no total das

exportações goianas é o grande aumento das exportações do estado para a China. As exportações goianas à China passaram a apresentar números mais expressivos a partir do ano de 2000, e, desta maneira, merece destaque o fato de o expressivo aumento das exportações goianas acontecer no mesmo período em que a inserção das importações chinesas nas exportações de Goiás começou a ser elevar. Desta maneira, segundo os autores, pode-se supor que a relação entre Goiás-China se dá de fato por Goiás conseguir se enquadrar nos produtos de interesse chinês para importação. O Estado de Goiás é um grande produtor agrícola de soja, cana-de-açúcar e milho, além de ser grande exportador de minérios e do complexo de carne, produtos que possuem grande participação na pauta das importações da China.

Os cinco setores que apresentaram maior média de participação percentual nas exportações totais de Goiás de 1999 a 2016, foram alimentos/fumo/bebidas (73,63%), minerais (8,17%), metais comuns (6,70%), minerais não metais e metais preciosos (5,21%) e calçados e couro (3,40%). No mesmo período, as maiores taxas de crescimento das exportações foram nos setores de plástico e borracha (9085,80%); material de transporte (8662,40%); têxtil (8608,90%); calçados e couro (5569,20%); e o setor denominado Outros (5226,50%). Todavia, os setores que apresentaram menor crescimento foram minerais não-metais e metais preciosos (697,00%), ótica e instrumentos (310,80%) e madeira (227,60%), conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Estrutura das exportações de Goiás segundo grupos de produtos/setores em (%)

Setores\períodos	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Taxa de cresc. 1999 a 2016
Alimentos/fumo/bebidas	62,7	72,1	72,3	72,4	79,7	82,1	82,7	82,1	71,0	74,5	73,0	71,2	67,9	73,1	75,1	72,1	72,2	69,1	1905,3
Minerais	7,5	5,2	3,6	4,6	3,4	3,1	2,5	2,2	15,7	13,9	11,4	15,0	17,2	10,0	8,3	7,6	7,1	7,8	1781,7
Químicos	1,2	0,3	0,5	0,5	0,7	0,8	2,0	1,4	1,3	1,5	1,1	1,1	0,9	0,7	0,7	0,9	1,4	1,3	1946,1
Plástico/borracha	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9085,8
Calçados/couro	1,7	1,7	3,4	4,0	2,2	3,0	2,9	5,3	3,4	2,2	1,6	1,5	3,4	3,6	4,5	6,1	5,5	5,2	5569,2
Madeira	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	227,6
Papel	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	903,5
Têxtil	0,2	0,3	2,0	1,1	1,5	2,5	2,5	1,1	1,1	1,1	1,7	1,6	1,6	1,8	0,5	0,7	0,8	0,8	8608,9
Min. N.-met/met. Preciosos	14,1	9,6	9,2	9,3	7,4	3,9	2,7	1,9	1,0	2,0	4,2	4,8	3,6	2,9	3,1	3,4	4,5	6,2	697,0
Metais comuns	12,2	10,4	8,6	7,6	4,7	4,0	3,9	4,9	5,5	3,9	6,6	3,7	4,6	7,6	7,4	8,5	7,7	8,8	1220,6
Máquinas/equipamentos	0,4	0,3	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,4	0,4	0,5	2106,8
Material transporte	0,1	0,0	0,1	0,3	0,2	0,2	0,6	0,7	0,7	0,7	0,3	0,8	0,5	0,1	0,2	0,1	0,3	0,2	8662,4
Ótica/instrumentos	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	310,8
Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	5226,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	1719,7

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017).

Segundo o Governo de Goiás (2014), a China é a principal importadora do estado de Goiás, e em relação aos alimentos e aos grupos minerais e sua importância na pauta exportadora do estado, em média, 75% do que o estado exporta são produtos primários, em sua grande parte *commodities* agrícolas como soja, milho, carnes e minério.

Segundo o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES, 2010), um dos principais objetivos da política de desenvolvimento produtivo em Goiás nas últimas duas décadas foi o de agregar valor à sua produção agrícola por meio da industrialização, e seu instrumento chave foi os incentivos fiscais. Através dessa política, emergiram grandes e modernos arranjos produtivos localizados nas principais regiões agrícolas do estado, nos segmentos de grãos, carnes, atomatados, lácteos e sucroalcooleiro.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, são apresentados os três indicadores utilizados no presente estudo. Tais indicadores têm por objetivo identificar os produtos de Goiás com vantagens comparativas no comércio exterior.

O primeiro deles é o indicador de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS), formalmente definido pela Expressão (1). Hidalgo (1998), afirma que este indicador revela a relação entre participação de mercado do setor e a participação da região (estado) no total das exportações do país, fornecendo uma medida da estrutura relativa das exportações de uma região (estado). O IVCRS varia de forma linear entre -1 e 1. Aquele país que tiver resultado entre 0 e 1 terá vantagem comparativa no produto analisado. Já se o IVCRS for igual a zero, terá a competitividade média dos demais exportadores e, no caso de variar entre -1 e 0, terá desvantagem comparativa (LAURSEN, 1998).

$$IVCRS_{ik} = \frac{x_{ij}/x_{iz}}{x_j/x_z} - 1 \bigg/ \frac{x_{ij}/x_{iz}}{x_j/x_z} + 1$$

(1)

Em que:

X_{ij} representa valor das exportações do setor i pelo Estado j (GO);
 X_{iz} representa o valor das exportações do setor i da zona de referência z (Brasil);
 X_j representa valor total das exportações do estado j (GO); e,
 X_z representa valor total das exportações da zona de referência z (Brasil).

Ainda, conforme Hidalgo (1998), quando uma região exporta um grande volume de um determinado produto em relação ao que é exportado pelo país desse mesmo produto, ela possui vantagem comparativa na produção desse bem. Além disso, em um ambiente cada vez mais globalizado e integrado, o fluxo comercial é caracterizado por um crescente comércio intraindústria. A expansão do comércio nos processos de integração econômica, em geral, acontece através desse tipo de comércio. Assim, o conhecimento desse comércio é importante na formulação de estratégias de inserção internacional para uma economia (HIDALGO; DA MATA, 2004).

O segundo é o Índice de Comércio Intraindústria (CII), o qual visa caracterizar o comércio de uma região, no caso, do estado de Goiás. Tal índice consiste na utilização da exportação e importação simultânea de produtos do mesmo setor. Com o avanço e difusão dos processos tecnológicos entre os países, muda-se a configuração do comércio internacional e o peso das vantagens comparativas (abundância de recursos). Apresenta-se como destaque o crescimento do comércio interindustrial. Appleyard *et al.* (2010) explana que, diferente do comércio interindustrial, o comércio intraindústria é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação do produto.

Para entender o conceito de comércio intra-industrial, Correa e Loes (1994) explicam que tal comércio acontece com a existência de exportações e importações de bens minimamente similares, de modo a pertencerem a mesma classificação industrial. Mesmo que esse padrão de comércio já fosse empiricamente constatado desde o final dos anos 60, apenas a partir de trabalhos desenvolvidos ao longo da década de 1980 foi possível explicar a troca de produtos entre países que detinham dotação de fatores, gostos e tecnologias semelhantes.

Grubel e Lloyd (1975) desenvolveram o indicador setorial do comércio intraindustrial (CII), cuja fórmula é apresentado conforme a Equação 2:

$$CII = 1 - \frac{\sum_i |X_i - M_i|}{\sum_i (X_i + M_i)} \quad (2)$$

Em que:

X_i representa as exportações do produto i ;

M_i representa as importações do produto i .

Quando o indicador CII aproximar de zero, pode-se concluir que há comércio interindustrial, neste caso, o comércio é explicado pelas vantagens comparativas, ou seja, observa-se a presença de comércio entre produtos de diferentes setores de Goiás com os países parceiros. Esse evento pode ser observado ao constatar ocorrência de apenas importação ou apenas exportação do setor i (ou produto i). Por outro lado, quando CII for maior que 0,5 ($CII > 0,5$), o comércio é caracterizado como sendo intraindustrial.

Por consequência, o padrão de comércio intraindustrial acaba por refletir uma pauta exportadora que, por sua vez, sucede uma estrutura produtiva dinamizada em progresso tecnológico e em economias de escala (ampliação de mercados). Não obstante, a configuração interindustrial reflete o ordenamento entre os setores produtivos, baseado no uso da dotação de fatores e sob concorrência perfeita. Esse arranjo explicativo das trocas comerciais pode indicar se determinado participante do comércio internacional alcançou ganhos de competitividade.

Ressalta-se que, em meio à profusão de conceitos que foram dados a esse termo, entende-se, neste artigo, diante dos alcances e das limitações dos índices utilizados, que alcançar competitividade internacional significa atingir os maiores níveis de vantagem comparativa revelada e o padrão de inserção intraindustrial.

O terceiro indicador é o índice de Concentração Setorial das Exportações (ICS), também conhecido como coeficiente *Gini-Hirschman*, o qual quantifica a concentração das exportações de cada setor exportador i realizados pelo estado j (Goiás). O ICS é representado através da Equação 3:

$$ICS_{ij} = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j} \right)^2} \quad (3)$$

Em que:

X_{ij} representa as exportações do setor i pelo estado j (GO); e,

X_j representa as exportações totais do estado j (GO).

O ICS varia entre 0 e 1, e, de acordo com Xavier e Silva (2007), quanto mais próximo de 1, mais concentradas serão as exportações do estado em poucos setores e, quanto mais próximo de 0, mais diversificada será a pauta de exportação do Estado.

Para alcançar o objetivo de explanar o padrão comercial de Goiás no período 1999-2016 e apresentar os setores produtivos do Estado que apresentam maior especialização e competitividade, serão utilizados indicadores baseados nos fluxos comerciais. O banco de dados para o cálculo destes indicadores é obtido junto à Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil (MDIC), acessível através do Sistema de Análise de Informações do Comércio Exterior (Aliceweb2)¹.

Os dados relativos às importações e exportações desagregadas por setores segue o padrão da literatura empírica da área, como apresentam Feistel (2008) e Maia (2005). Os capítulos referem-se aos setores produtivos e, a partir de cada capítulo correspondente ao agrupamento de produtos, obtêm-se os valores das importações e exportações².

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica - IVCRS

A Tabela 5 demonstra a evolução do índice de Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas de Goiás de 1999 a 2016. Dos 14 setores analisados, em um o estado de Goiás apresentou vantagens comparativas ($IVCRS > 0$) em todos os anos da série histórica. Ou seja, esse setor, que corresponde ao setor de alimentos, fumo e bebidas, apresentou especialização permanente no que se refere à competitividade e inserção goiana no mercado internacional. Não menos importante, o setor de minerais não metais e metais preciosos apresentou vantagens comparativas na maioria dos anos da série histórica, e o setor de calçados e couro vem apresentando vantagens comparativas continuamente desde 2011 até o ano de 2016.

¹ O Sistema Aliceweb2 está disponível no site <http://alicesweb2.mdic.gov.br>.

² Para classificar as mercadorias, em 1996, o Brasil passou a utilizar a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), a qual é utilizada pelos outros integrantes do bloco, baseado no Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (Capítulos SH) – (SECEX, 2006).

Tabela 1 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica para Goiás.

Grupos de Produtos\Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Alimentos/fumo/bebidas	0,36	0,50	0,43	0,43	0,46	0,48	0,51	0,51	0,44	0,43	0,34	0,39	0,36	0,36	0,35	0,33	0,30	0,29
Minerais	0,00	-0,23	-0,45	-0,41	-0,53	-0,54	-0,69	-0,75	-0,03	-0,17	-0,25	-0,27	-0,25	-0,44	-0,46	-0,49	-0,40	-0,33
Químicos	-0,66	-0,89	-0,81	-0,82	-0,75	-0,71	-0,41	-0,54	-0,58	-0,53	-0,67	-0,66	-0,70	-0,76	-0,73	-0,69	-0,59	-0,58
Plástico/borracha	-0,99	-0,99	-0,96	-0,92	-0,94	-0,91	-0,89	-0,93	-0,94	-0,92	-0,95	-0,97	-0,98	-0,99	-0,98	-0,98	-0,98	-0,97
Calçados/couro	-0,44	-0,46	-0,16	-0,04	-0,28	-0,08	-0,03	0,28	0,10	0,02	-0,08	-0,08	0,40	0,42	0,46	0,52	0,50	0,48
Madeira	-1,00	-0,97	-0,93	-0,97	-0,98	-0,99	-0,97	-0,99	-0,99	-0,99	-0,99	-0,99	-0,99	-0,99	-1,00	-1,00	-1,00	-1,00
Papel	-1,00	-1,00	-1,00	-0,99	-1,00	-1,00	-1,00	-1,00	-0,99	-0,98	-0,98	-0,99	-0,99	-0,99	-1,00	-1,00	-1,00	-1,00
Têxtil	-0,85	-0,75	-0,07	-0,28	-0,21	0,07	0,13	-0,15	-0,14	-0,07	0,15	0,16	0,14	0,10	-0,35	-0,23	-0,25	-0,18
Min. N.-met/met. Preciosos	0,69	0,58	0,60	0,57	0,53	0,28	0,11	-0,08	-0,37	0,05	0,33	0,41	0,32	0,17	0,19	0,22	0,29	0,37
Metais comuns	0,04	-0,05	-0,04	-0,15	-0,39	-0,47	-0,49	-0,40	-0,32	-0,46	-0,11	-0,32	-0,24	0,02	0,08	0,07	-0,03	0,09
Maquinas/equipamentos	-0,94	-0,96	-0,99	-0,99	-0,99	-1,00	-0,99	-0,98	-0,99	-0,99	-0,98	-0,96	-0,95	-0,94	-0,96	-0,91	-0,91	-0,89
Material transporte	-0,99	-0,99	-0,98	-0,95	-0,97	-0,97	-0,92	-0,89	-0,89	-0,89	-0,94	-0,82	-0,88	-0,98	-0,97	-0,97	-0,94	-0,96
Ótica/instrumentos	-0,90	-0,97	-0,98	-0,96	-0,96	-0,98	-0,99	-0,99	-0,98	-0,94	-0,83	-0,85	-0,95	-0,89	-0,97	-0,96	-0,94	-0,95
Outros	-0,97	-0,96	-1,00	-0,99	-1,00	-0,97	-0,74	-0,88	-0,94	-0,97	-0,98	-0,90	-0,88	-0,94	-0,92	-0,82	-0,91	-0,89

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017)

Desta forma, conforme a Tabela 5, o resultado do IVCRS que apresenta maior vantagem comparativa é, em primeiro lugar, o setor de alimentos, fumo e bebidas, com média de 0,40 ao longo do período. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento do Estado de Goiás (2017), com destaque para as importações dos mercados indiano e holandês, o estado de Goiás exportou, em 2016, principalmente produtos do complexo soja, produtos de origem animal, como carnes bovinas, de aves e preparações alimentícias, entre outros. O Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB, 2017) corrobora esta conclusão, afirmando que, apesar da crescente industrialização, a agropecuária continua sendo uma atividade econômica importante em Goiás, uma vez que a produção de carnes e grãos impulsiona as exportações. O estado é o quarto produtor nacional de grãos, e a pauta agrícola é bastante diversificada e composta principalmente por: soja, sorgo, milho, cana-de-açúcar, feijão, tomate, algodão, entre outros produtos. Ainda, segundo o IMB, a pecuária bovina goiana é expressiva e posiciona o estado entre os maiores produtores do país, a suinocultura e avicultura também já são setores consolidados, e este desenvolvimento no setor de carnes é efeito da vinda a partir dos anos 2000 de grandes empresas que atuam no setor.

O setor de minerais não metais e metais preciosos apresentaram vantagens comparativas na maioria dos anos da série histórica, e obteve média aproximada de 0,29 do indicador. Segundo Leite e Steinberger (2015), a descoberta de ouro em território goiano no século XVIII do período colonial brasileiro configurou uma região historicamente chamada de mineradora que abrangia vários municípios. A partir da segunda metade da primeira década dos anos 2000, três quartos da produção mineral de Goiás ficaram concentradas no norte do estado, tanto em termos de exportação quanto de arrecadação tributária. Tal produção e pauta exportadora caracterizam-se pela pluralidade de minérios e pela diversidade locacional das ocorrências minerais. Deste modo, surgiu uma nova configuração mineradora em Goiás, com uma delimitação que envolve cerca de quinze municípios onde a mineração exerce um protagonismo na articulação interna e externa com outras regiões do estado, do país e do mundo para as quais exporta, dentre outros, principalmente amianto (um mineral não-metálico), e ouro (um metal precioso).

Verifica-se que a terceira maior vantagem comparativa de Goiás é composta pelo grupo de produtos calçados e couro, cuja média do indicador foi de 0,085, e o indicador aponta vantagens comparativas principalmente a partir do ano de 2011. O

desenvolvimento recente do setor couro-calçadista goiano é reflexo, segundo o Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (DEPEC, 2016) de a indústria calçadista ainda ser emergente em Goiás. Entretanto, no estado, tal indústria é a que mais agrega valor dentro da cadeia produtiva do couro.

Diante destas análises, é possível compreender, sob a ótica das vantagens comparativas, que Goiás possui poucos setores que apresentam vantagens comparativas, ou seja, pauta produtiva com pouca diversificação. Isso pode indicar que o estado é vulnerável às oscilações de variáveis externas (mudança de preços internacionais, crises etc.) e internas (estiagens etc.).

4.2 Índice de comércio intraindústria - CII

Na Tabela 6, apresentam-se os resultados do CII, o qual representa o padrão comercial dentro de um mesmo setor. Dos 14 setores analisados, 1 indica haver comércio intraindústria ao longo da maioria dos anos do período analisado, a saber: madeira (cuja média do indicador foi de 0,57).

Tabela 2 - Índice de comércio intraindústria individual para Goiás.

Grupos de Produtos\Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Alimentos/fumo/bebidas	0,70	0,41	0,28	0,20	0,08	0,06	0,04	0,04	0,04	0,03	0,04	0,05	0,03	0,03	0,04	0,04	0,04	0,04
Minerais	0,00	0,11	0,27	0,15	0,34	0,42	0,45	0,43	0,07	0,31	0,06	0,10	0,11	0,14	0,15	0,17	0,17	0,15
Químicos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,03	0,06	0,08	0,18	0,37	0,29	0,54	0,68	0,66	0,85	0,93	0,67	0,10
Plástico/borracha	0,01	0,04	0,12	0,21	0,26	0,22	0,31	0,17	0,15	0,11	0,08	0,04	0,03	0,02	0,02	0,02	0,03	0,07
Calçados/couro	0,30	0,09	0,02	0,01	0,02	0,02	0,03	0,00	0,01	0,02	0,04	0,02	0,01	0,01	0,00	0,01	0,00	0,01
Madeira	0,53	0,02	0,00	0,04	0,25	0,86	0,19	0,35	0,80	0,62	0,74	0,98	0,91	0,93	0,59	0,82	0,74	0,95
Papel	0,03	0,05	0,04	0,19	0,12	0,06	0,05	0,04	0,23	0,23	0,20	0,11	0,11	0,16	0,01	0,00	0,01	0,04
Têxtil	0,80	0,96	0,15	0,22	0,42	0,40	0,28	0,33	0,31	0,21	0,09	0,12	0,13	0,06	0,38	0,49	0,50	0,43
Min. N.-met/met. Preciosos	0,10	0,09	0,08	0,08	0,07	0,15	0,15	0,20	0,25	0,26	0,20	0,14	0,22	0,20	0,19	0,18	0,14	0,05
Metais comuns	0,16	0,12	0,10	0,31	0,42	0,34	0,33	0,54	0,29	0,46	0,36	0,66	0,52	0,23	0,31	0,26	0,30	0,23
Maquinas/equipamentos	0,04	0,04	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,03	0,02	0,01	0,01	0,02	0,03	0,04	0,03	0,08	0,09	0,16
Material transporte	0,00	0,00	0,01	0,04	0,04	0,04	0,11	0,12	0,08	0,05	0,02	0,03	0,02	0,01	0,02	0,02	0,04	0,07
Ótica/instrumentos	0,07	0,01	0,02	0,02	0,02	0,01	0,00	0,00	0,01	0,02	0,06	0,04	0,01	0,03	0,01	0,01	0,02	0,01
Outros	0,10	0,71	0,12	0,07	0,02	0,07	0,69	0,33	0,17	0,06	0,06	0,11	0,11	0,09	0,12	0,20	0,14	0,21

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017)

Já para análise dos setores agregados no CII, os resultados indicaram comércio interindústria para Goiás, variando em torno de 0,07% entre 1999 e 2016, conforme a Tabela 7.

Tabela 3 - Índice de comércio intraindústria - CII agregado para Goiás.

Ano	CII	Ano	CII
1999	0,09	2008	0,10
2000	0,07	2009	0,07
2001	0,06	2010	0,08
2002	0,06	2011	0,07
2003	0,06	2012	0,06
2004	0,07	2013	0,07
2005	0,07	2014	0,08
2006	0,08	2015	0,08
2007	0,08	2016	0,08

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017).

Entre os setores com maior significância nas exportações estaduais, observa-se que o setor de madeira apresenta alto índice de comércio intraindústria, na maior parte do tempo, evidenciando fluxos comerciais de bens do mesmo setor entre Goiás e o resto do mundo. De acordo com Chieppe Júnior (2015) o desmatamento com objetivo de retirada da madeira e produção de carvão vegetal foi, e ainda é, uma atividade que antecedeu, e de certo modo, viabilizou a ocupação agropecuária no Cerrado, principal bioma de Goiás. Deste modo, de acordo com a Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (SEGPLAN, 2014) a instalação de empresas agroindustriais em Goiás não é um processo recente, especialmente em se tratando de operações de beneficiamento superficial de produtos como no caso da madeira, mas o que é relativamente novo no estado é a presença de empresas agroindustriais de grande porte que estendem as suas operações ao mercado de *commodities* e ao mercado interno.

4.3 Índice de concentração setorial das exportações - ICS

Segundo Campos e Almeida (2014), o transporte ferroviário em Goiás foi o fator que desencadeou a inserção da economia goiana frente à economia nacional, e possibilitou a integração regional da economia goiana ao Centro-Sul do Brasil. Segundo os autores, apesar do isolamento geográfico do Estado, durante o século XIX, a economia goiana já se mostrava organizada dentro da lógica do mercado nacional, subordinada à produção agrário exportadora. Entretanto, com o avanço da urbanização e da industrialização da região Centro-

Sul, advindos da acumulação do capital oriundo da produção cafeeira, houve a ampliação e redefinição das bases da divisão regional do trabalho, na qual o Estado de Goiás encontrava-se inserido como provedor de produtos primários. Assim, a linha férrea trouxe melhorias nas condições de transporte e comunicação, tornou mais dinâmica a produção local e impulsionou as relações comerciais regionais e inter-regionais, alterando a produção agropecuária que passou a se organizar em bases capitalistas.

Diante desse quadro, torna-se pertinente verificar o grau de concentração das exportações do estado. A Tabela 7 apresenta o grau de concentração das exportações - ICS de Goiás.

Tabela 4 - Índice de concentração setorial das exportações para Goiás.

Ano	ICS	Ano	ICS
1999	0,66	2008	0,76
2000	0,74	2009	0,74
2001	0,74	2010	0,73
2002	0,74	2011	0,70
2003	0,80	2012	0,74
2004	0,82	2013	0,76
2005	0,83	2014	0,73
2006	0,82	2015	0,73
2007	0,73	2016	0,71

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2017).

Como pode ser observado, é possível afirmar que Goiás apresenta uma pauta de exportações concentrada em poucos setores, visto que a média do indicador (ICS=0,75), no período analisado, indica concentração setorial, oscilando entre 0,66 e 0,83. Esse resultado é reflexo das vantagens comparativas do estado, de acordo com os resultados alcançados pelo IVCRS, visto que apenas 21,43% dos setores apresentaram vantagem comparativa, bem como o CII indica que 92,86% dos setores apresentam comércio baseado em vantagens comparativas, ou seja, interindustrial.

De acordo com SECEX (2017), ao longo do período, os setores que mais aumentaram as exportações foram os setores de: plástico e borracha, material de transporte, têxtil, calçados e couro e o setor denominado Outros. Todavia, os setores que apresentaram menor crescimento foram os de minerais não-metals e metais preciosos, ótica e instrumentos e madeira.

De acordo com a Tabela 3 (a qual considera a análise horizontal), verifica-se que o setor de calçados e couro, um dos setores que mais cresceram as exportações, é um setor que

o IVCRS indica vantagens comparativas. Entretanto, para o setor de alimentos, fumo e bebidas e para o setor de minerais não-metais, mesmo com o IVCRS também indicando que tais setores possuem vantagens comparativas, estes setores não tiveram as maiores expansões de exportações, o que corrobora com a tendência de concentração das exportações do estado de Goiás, também indicada pelo ICS.

5 Conclusões

Este estudo permitiu aclarar o padrão do comércio exterior dos diversos setores do estado de Goiás. A observação conjunta das evidências empíricas apresentadas neste artigo permite destacar as peculiaridades setoriais da competitividade do estado no comércio exterior, mostrando que existem quatro grupos competitivos no mercado internacional: alimentos, fumo e bebidas, minerais não metais e metais preciosos, calçados e couro e o setor de madeira.

Em 1999 o grupo alimentos, fumo e bebidas apresentou maior padrão de especialização de Goiás e, ao final, observam-se mudanças, onde o setor de calçados e couro o supera, mas mesmo assim, o primeiro mantém o indicador de vantagens comparativas favorável ao longo de todo o período.

A análise dos indicadores revela um padrão de exportação baseado prioritariamente em produtos intensivos em recursos naturais e produtos da indústria de transformação tradicional, os quais são pouco capazes de gerar vantagens comparativas dinâmicas, ou seja, baseados em inovações tecnológicas, como são encontradas nos padrões internacionais de comércio dos países desenvolvidos.

Considerando a importância do comércio intraindústria, o único setor que apresentou esse tipo de comércio ao longo da maioria do período analisado foi o setor de madeira.

Em relação aos parceiros comerciais, a China se apresenta como principal importador, cenário diferente do observado em 1999, em que os Países Baixos eram os maiores compradores de produtos de Goiás. Em relação ao padrão setorial das exportações, observa-se que não houve mudanças, ou seja, a inserção setorial externa restringiu-se à especialização baseada principalmente na dotação de recursos naturais ou básicos. Neste sentido, os resultados sugerem que as políticas voltadas ao setor exportador devem realizar uma apreciação clínica na relação de Goiás com seus tradicionais parceiros comerciais, além de buscar novos parceiros comerciais e ampliar o *mix* das exportações, mantendo as conquistas obtidas.

Entre as limitações do trabalho está o fato de que os índices utilizados são estáticos, ou seja, permitem a análise em períodos de tempos específicos, não compreendendo diversas alterações em fatores econômicos como barreiras comerciais, tratados de livre comércio e variações no consumo interno. Des modo, como sugestão, faz-se apropriada a realização de estudos futuros para identificar a possível existência de um processo de desindustrialização no estado de Goiás, bem como trabalhos com a utilização de Modelos de Equilíbrio Geral Dinâmicos, os quais podem mensurar os impactos de políticas econômicas na economia goiana.

Referências

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E DE SERVIÇOS DO ESTADO DE GOIÁS – ACIEG. **Sazonalidades aumentam exportações em Goiás**. Disponível em: < <http://acieg.com.br/sazonalidades-aumentam-exportacoes/> >. Acesso em: 06 fev. 2017.

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR- ALICEWEB. **Consultas**. Disponível em: < <http://aliceweb.mdic.gov.br/> >. Acesso em: 24 jan. 2017.

APPLEYARD, D.; FIELD JR., A. J.; COBB, S. L. **Economia Internacional**. 6 ed. Porto Alegre: McGraw Hill, 2010.

AVELINO, G. M. P.; CARVALHO, R. M.; SILVA, L. A. C. da. O comércio intra-setorial e suas implicações para a economia cearense. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 47, n. 4, 2009.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO – BNDES. **Políticas estaduais para arranjos produtivos locais no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < http://www.bndes.gov.br/wps/wcm/connect/site/5a4430fa-d193-448d-a3f1-b19331f581eb/Consolidacao_APLs_Sul_Sudeste.pdf?MOD=AJPERES&CVID=lxK8Q6B&CVID=lxK8Q6B >. Acesso em: 06 fev. 2017.

CAMPOS, F. R.; ALMEIDA, D. V. de. A integração da economia goiana a partir do sistema ferroviário: uma análise da estrada de ferro Goiás e da ferrovia Norte-Sul. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 65-91, 2014.

CHIEPPE JÚNIOR, J. B. Impacto do crescimento do setor sucroalcooleiro na expansão da fronteira agrícola no estado de Goiás. **ScientiaTec**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 19-34, 2015.

CORREA, P. G.; LOES, A. Impactos Setoriais do Mercosul sobre a Indústria Brasileira: Uma Análise com Base no Padrão de Comércio. **Anais...** Florianópolis: Congresso de Economia da ANPEC, 1994. p. 313 - 332.

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS – DEPEC. **Calçados**. Disponível em: <
https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infset_calcados.pdf >. Acesso em:
 02 fev. 2017.

FEISTEL, P. R. Modelo Gravitacional: um teste para economia do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Administração**, v. 1, p. 94-107. 2008

GOVERNO DE GOIÁS. **Cenário socioeconômico e ambiental**. Disponível em: <
<http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2015-04/estudo-do-cenario-socioeconomico-e-ambiental.pdf> >. Acesso em: 05 fev. 2017.

GOVERNO DE GOIÁS. **Goiás: exportações, importações, suas origens e destinos**. Disponível em: <
http://www.imb.go.gov.br/down/goias_exportacoes_importacoes_origens_destinos.pdf >. Acesso em: 06 fev. 2017.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-Industry Trade: the theory and the measurement of international trade in differentiated products**. London: Macmillan, 1975.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste brasileiro no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza: BNE, v. 29, p. 491 - 414, jul./set. 1998.

HIDALGO, A. B.; DA MATA, D. F. P. G. Exportações do Estado de Pernambuco: concentração, mudança na estrutura e perspectivas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 35, n. 2, abr./jun. 2004.

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – IMB. **Goiás – Visão Geral**. Disponível em: <
<http://www.imb.go.gov.br/visaogeral/index.html> >. Acesso em: 02 fev. 2017.

LAURSEN, K. **Revealed comparative advantage and the alternatives as Measures of International specialization**. Working Paper, n. 98-30, Copenhagen: Danish Research Unit for Dynamics, 1998.

LEITE, U. B.; STEINBERGER, M. A nova região mineradora de Goiás: uma proposta de delimitação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 35, n. 2, p. 305-320, 2015.

MAIA, S. F. Transformações na estrutura produtiva do estado do Paraná na década de 90: análise por vantagem comparativa. In: MAIA, S. F.; MEDEIROS, N. H. (Org.). **Transformações Recentes da Economia Paranaense**. Recife: Editora Universitária, v. 1, p. 65-88, 2005.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Marcos Pereira comemora recorde de inscrições no Brasil Mais Produtivo em Goiás**. Disponível em: <
<http://www.mdic.gov.br/noticias/1895-marcos-pereira-comemora-recorde-de-inscricoes-no-brasil-mais-produtivo-em-goias> >. Acesso em: 06 fev. 2017.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e de Tributação**. Tradução de Maria Adelaide Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROCHA, M. D.; MACIEL, D. P.; LIMA, D. A. L. L. II PND, o polocentro e o desenvolvimento do estado de Goiás. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 682-692, 2014.

ROSSI JÚNIOR, J. L; FERREIRA, P. C. Evolução da Produtividade Industrial Brasileira e Abertura Comercial. **Texto para Discussão**. IPEA, n. 651, 1999.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE GOIÁS. **Comércio exterior**. Disponível em: < <http://www.sed.go.gov.br/post/ver/218333/balanca-comercial-goiana-apresenta-superavit-recorde-em-2016> >. Acesso em: 02 fev. 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO DE GOIÁS – SEGPLAN. **Conjuntura Econômica Goiana**. Disponível em: < <http://www.imb.go.gov.br/down/conjuntura31.pdf> >. Acesso em: 03 fev. 2017.

SIQUEIRA, E. B. O desenvolvimento do estado de Goiás sob a ótica do planejamento territorial. **Revista CEPPG**, Catalão, ano XI, n. 20, 2009.

VIANNA, S. T. W.; BRUNO, M. A. P.; MODENESI, A. M. **Macroeconomia para o Desenvolvimento**: crescimento, estabilidade e emprego. 4. ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2010. 397 p.

VIEIRA, E. R.; PAZINE, T. R. Efeitos da participação da China no padrão de Comércio Exterior do estado de Goiás: 1989 - 2014. **Boletim da Conjuntura Econômica Goiana**, Instituto Mauro Borges De Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, n. 37, 2016.

XAVIER, C. L.; SILVA, K. A. O. da. Padrão de especialização e competitividade das exportações de Minas Gerais no Período 1995 – 2004. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 4, 2007.